

OS NOMES DA TERRA SERIGY: OS TOPÔNIMOS DE SERGIPE DEL REY NAS CARTAS DE SESMARIAS (1594- 1623)

THE SERIGY LAND NAMES: THE PLACE NAMES OF SERGIPE DEL
REY IN SESMARIAS LETTERS (1594-1623)

LOS NOMBRES DE LA TIERRA SERIGY: LOS TOPÓNIMOS DE
SERGIPE DEL REY EN LAS CARTAS DE *SESMARIAS* (1594-1623)

*Cezar Alexandre NERI SANTOS**

*Lêda CORRÊA***

Resumo: Este artigo investiga os nomes de lugares inscritos nas certidões de cartas de sesmarias da capitania de Sergipe Del Rey emitidas entre 1594 e 1623, coletados da transcrição paleográfica de Felisbelo Freire (1891) e confrontados com os manuscritos destes documentos, abarcando o período inicial de contato sociocultural entre europeus e indígenas na atual região do estado de Sergipe. Tal nominata é estudada por meio de sua etimologia, na busca por padrões motivadores dos nomes geográficos sergipanos no período colonial.

Palavras-chave: Toponímia; Sergipe colonial; Cartas de sesmarias.

Abstract: This paper studies the place names described in the *sesmarias* letters certificates in Sergipe Del Rey captaincy issued from 1594 to 1623. These toponyms are analyzed out of Felisbelo Freire's paleographic transcription (1891), and compared with the manuscript documents, which cover the earliest period of the European territorial occupation in this territory. This nominata is studied through its etymology, in the search for semantic patterns in geographic names in Sergipe through the Brazilian colonial period.

Keywords: Place names; Colonial Sergipe; *Sesmarias* letters.

Resumen: Este trabajo investiga los nombres de lugares registrados en las certificaciones de cartas de *sesmarias* de la capitania general de Sergipe Del Rey

* Mestre em Letras. Professor Assistente da Universidade Federal de Alagoas – Curso de Letras/Português do Campus do Sertão – Delmiro Gouveia – Alagoas – Brasil. Contato: cezarneri@hotmail.com.

** Doutora em Letras. Professora Adjunta da Universidade Federal de Sergipe - Departamento de Letras Vernáculas – São Cristóvão – Sergipe – Brasil. Contato: leda-correa@uol.com.br.

emitidas entre 1594 y 1623, recolectados de la transcripción paleográfica de Felisbello Freire (1891) y confrontados con los manuscritos de estos documentos, que cubre el período inicial de contacto sociocultural entre europeos e indígenas en la región actual del estado de Sergipe. Esta guía se estudia a través de su etimología, en la búsqueda de patrones motivadores de los nombres geográficos de Sergipe en el período colonial.

Palabras clave: Toponimia; Sergipe colonial; Cartas de *sesmarias*.

Considerações iniciais

Um estudo toponímico, por essência, se caracteriza por seu viés multidisciplinar. Assim, esta análise abarca o léxico toponímico do período colonial, na busca pela procedência e motivações de alguns nomes geográficos sergipanos, principalmente os de significado opaco, como os inscritos em línguas indígenas.

Este artigo nasce como parte da Dissertação de Mestrado de Neri Santos (2012), orientada por Corrêa, defendida no Programa de Pós-graduação de Letras da Universidade Federal de Sergipe em agosto de 2012, cujo estudo apresenta os nomes próprios de lugar numa perspectiva etnolinguística, por meio de elementos linguísticos (fonéticos e gráficos) e discursivos (semântico-históricos). O objetivo é classificar e interpretar o *corpus* sesmarial a partir da taxonomia proposta por Dick (1990), a fim de catalogar motivações toponímicas e reconhecer remanescentes lexicais presentes nos mapas geográficos sergipanos contemporâneos.

Como referências, partiu-se de leituras teóricas acerca da Toponímia, como Dick (1990, 1992), da historiografia colonial sergipana, como Freire (1891, 1995) e Nunes (2006), e de dicionários etimológicos da língua tupi, como Guaraná (1916), Sampaio (1901), Cunha (1998), Tibiriçá (1985) e Barbosa (1951).

1 Da ciência toponímica

O ato de nomeação de um lugar permite discussões nas esferas social, cultural, patrimonial, religiosa, filosófica, jurídica, ideológica, bem como linguística. A legitimação desse nome próprio pode ser entendida como um elemento com função de *espacialização*, “permit[indo] uma ancoragem histórica que visa a constituir o

simulacro de um referente externo e a produzir o efeito de sentido 'realidade'" (GREIMAS, 1985, p. 464).

Para além de uma aura de curiosidade, os estudos em Toponímia (*topos*: lugar; *onoma*: nome, em grego) têm promovido trabalhos acadêmicos que abarcam questões como a memória coletiva e seu aspecto de pertencimento. As primeiras investigações científicas datam do final do século XIX, eivadas pelo espírito natural-positivista, propiciaram estudos de cunho filológico com propósitos histórico-comparativos, principalmente na França e na Alemanha. Não foi diferente em Portugal, por meio de filólogos como Leite de Vasconcelos e Joseph Piel.

No Brasil, a influência de línguas indígenas e africanas, respectivamente substrato e superstrato do Português Brasileiro, perfazem os estudos mais profícuos. Tem-se Theodoro Sampaio, Carlos Drumond, Levy Cardoso e Maria Vicentina do Amaral Dick como alguns renomados toponimistas. É, por exemplo, desta última autora a classificação toponímica utilizada neste artigo (DICK, 1990).

Segundo Dick (1990), o signo toponímico é marcado por dois elementos, a saber: *genérico* (acidente geográfico ou unidade geoespacial) e *específico* (nome do lugar propriamente dito). Também o aspecto semântico deve ser o elemento-chave para categorização desse signo, ou seja, é a motivação externa que deve nortear o estudo toponímico.

1.1 Dos estudos toponímicos em Sergipe: uma seara desértica

É fato que os estudos toponímicos em Sergipe carecem de investigações científicas. Dos já realizados, deve-se boa parte desses a historiadores, que pintam cenários de época, pincelando tais realidades norteados por uma aura de curiosidade ou por forçosa marca identitária de pertencimento ao Estado, destacando-se nomes como Francisco José Alves e Luís Antônio Barreto. Há de se registrar trabalhos cujo *corpus* coincide com o deste trabalho, como Mott (2008), Goveia (2010) e Guaraná (1916). Na Onomástica, especificamente, subárea da Linguística que investiga os nomes próprios, nulas foram as incursões de acadêmicos da área de Letras em nível de pós-graduação em Sergipe, até a Dissertação de Mestrado de Santos (2012), defendida no PPGL-UFS.

A obra de referência da área é o “Glossario Etymologico dos nomes da Língua Tupi na Geographia do Estado de Sergipe”, de Armino Guaraná, de 1916, que realiza um estudo morfossemântico-geográfico dos topônimos locais do início do século passado grafados nesse estrato linguístico. Passada quase uma centúria de sua publicação, este artigo com objetivo lexicográfico mantém-se singular pelo aprofundamento etimológico, sendo muitos destes étimos áridos e outros, controversos.¹ Existem ainda os topônimos cuja etimologia é motivo de impasse entre Guaraná e os revisores desta obra: Visconde de Beaurepaire Rohan e Theodoro Sampaio², o que torna inegável a dificuldade de decomposição etimológica deste *corpus*, mesmo no tupi, maior e mais bem documentado tronco linguístico das línguas autóctones brasileiras.

2 Da delimitação do *corpus* e da contextualização espaciotemporal

Este estudo se delimitou ao período inicial da ocupação europeia em Sergipe Del Rey, tempo relativamente harmônico de tais registros – menos de 30 anos (1594-1623). São as primeiras décadas da colonização de Sergipe Del Rey, consequência das buscas por trilhas terrestres que ligassem a capitania da Bahia de Todos os Santos a de Pernambuco, bem como o período da dominação espanhola sobre Portugal (1580-1640), da rivalidade luso-espanhola com a França e com a Holanda e do padronado. Também fazem parte da conjuntura enfrentada pelos colonos o contato interétnico com os gentios, detalhadamente descrito nas obras sobre Sergipe Colonial³.

¹ Guaraná (1916, p. 304) confessa serem várias as descrições etimológicas incertas, bem como a hipotética origem tupi de alguns topônimos. Por exemplo, lê-se na entrada para a entrada *Catolé*: “Há dúvida sobre ser de origem tupi”. Já em *Catambra*, encontra-se: “De significação incerta”.

² Como prova da inconformidade, em certos casos, entre Guaraná e seus revisores, destaca-se o verbete *Paramopama* (*ribeira, rio, várzea* ou *esteiro*), também encontrado no *corpus* sesmarial com uma dezena de grafias diferentes, assim descrito: “*pirá*: peixe; *mopoam*: enganar, iludir; o peixe enganou, phrase que serve para indicar a ausencia de pesca em certas marés, não obstante ser o rio abundante em peixes. O Dr. Th. Sampaio decompõe diversamente este vocábulo, dando-lhe a significação de – peixe que faz que bata, peixe ás pancadas: *pirá-mopoma*” (GUARANÁ, 1916, p. 316).

³ As alusões a Sergipe nas obras de História do Brasil colônia são circunstanciais. Como sugestões de leitura, *vide* Franco (1999); Hoornaert (1994) e Prado (1919).

Para diferenciá-la de Sergipe do Conde, na Bahia, que ainda hoje mantém essa designação, denominaram a capitania ao norte do Rio Real de Sergipe Del Rey, em menção ao rei espanhol Filipe II de Espanha (Felipe I de Portugal).

As certidões de doações de sesmarias desta capitania são uma série de registros cartoriais. Essas sesmarias designam

a propriedade que se destinou à ocupação do território, num sentido de extensão; destinava-se à grande lavoura, no caso a de cana-de-açúcar, e, em parte, a do algodão, e a criação de gado doada pelo Rei aos colonos (DIEGUES JR., 1959, p. 16).

Os registros destas doações em Sergipe, que atravessam todo o período colonial brasileiro, não se limitam às fontes do *corpus*. No entanto, as cartas aqui estudadas apresentam as mais remotas inscrições em língua portuguesa de nomes de lugares em Sergipe, conhecidas como ‘As sesmarias de Felisbelo Freire’⁴, que são 218 documentos presentes no Apêndice da obra “História de Sergipe” (1891)⁵.

As certidões das cartas de sesmarias, por serem documentos notariais, ficavam em posse dos escrivães e do capitão-mor no cartório da cidade de São Cristóvão, capital da capitania de Sergipe Del Rey.

Destarte, os principais motivos para a escolha destes documentos são por: (i) serem as fontes mais antigas e mais abalizadas

⁴ Sua relevância era tanta à época que seus manuscritos foram dos poucos, quiçá os únicos, preservados quando da extinção da estrutura administrativa da cidade de São Cristóvão e consequente fuga de seus moradores para Salvador, nas décadas de 1620-30.

⁵ É provável que Felisbelo Freire, então deputado federal, tenha tido contato com esses manuscritos na década de 1880. As transcrições freireanas devem remeter a essa década, já que data de 1891 a publicação da primeira edição de sua obra *História de Sergipe*, onde estão as transcrições do *corpus*. Alguns dos manuscritos transcritos não mais existem, tendo aqueles que se debruçarem sobre o *corpus*, nesse caso, de confiar na habilidade do trabalho paleográfico do historiador. Apesar da relevância incontestável de Freire por seu labor paleográfico, encontram-se erros substanciais em suas transcrições, que caso comportem os topônimos relatados no *corpus*, agravam, sobremaneira, este trabalho. Daí ser mister o confronto destes com os originais. Tais documentos encontram-se atualmente sob o poder do IHGSE, tendo sido digitalizados e catalogados pela equipe da instituição, liderada pelo historiador Jackson da Silva Lima, na década de 2000, passando a serem disponibilizados ao público em geral.

referentes ao processo de ocupação do solo sergipano, já que “a escassez de documentos é enorme na história deste período; (ii) necessidade de registro das primeiras e principais aglomerações – povoações e habitantes, quando houver topônimos com menções a nomes de personalidades – nos âmbitos sócio-geográfico-econômico; (iii) reconstrução do vocabulário referente aos acidentes geográficos e das características morfossemânticas dessa nominata.

A capitania de Sergipe Del Rey pertenceu ao donatário Francisco Pereira Coutinho e, após sua morte, a seu filho. Com a instalação do governo-geral em Salvador (1548), permaneceu, ainda assim, inexplorada. Somente em 1575 houve os primeiros contatos interétnicos entre portugueses e indígenas, numa incursão colonialista freada pelos líderes indígenas da capitania sergipana.

A colonização de Sergipe Del Rey, por ser estrategicamente rota intermediária entre as maiores capitanias no Brasil do século XVI – Bahia e Pernambuco –, era de extrema importância na consolidação dos planos luso-espanhóis. Para o sucesso, era preciso, entre outros intentos, pacificar os índios, afastar os corsários franceses da costa, criar um eficiente esquema de defesa da terra, distribuindo sesmarias e intensificando a produção na colônia. Pontue-se que a concessão maciça de glebas fez também com que a ocupação chegasse ao limite norte da capitania em poucos anos: “As doações são concedidas nas vizinhanças de [rio] São Francisco” (FREIRE, 1891, p. 41).

O território sergipano seria o limite norte desse domínio luso-espanhol contra um projeto de Brasil holandês⁶, comandado por Nassau. A colonização de Sergipe Del Rey se desenvolveu no sentido sul-norte, liderada por Cristóvão de Barros, e, quando da conquista do território, o governo luso-espanhol forçou a criação de uma estrutura burocrática na capitania já em 1590. Assim, a partir de então, Sergipe Del Rey passou a dispor de uma série de cargos administrativos (SALGADO, 1985, p. 66-69), todos lotados na então recém-fundada cidade de São Cristóvão. Junto às administrações militares, judiciárias, o clero fazia parte da trupe colonizadora.

À medida que os colonos baianos e portugueses iniciavam sua empreitada pelo litoral sul da capitania, os nativos iam sendo expulsos de suas terras para o norte e para o sertão, ocupando a zona ocidental,

⁶ Vide Nunes (2006, p. 71-103), capítulo III - “Os holandeses na capitania de Sergipe”.

“pela pobreza do solo, para atividade pastoril (...) que a colonização não sabia aproveitar, furtando à escravidão que se lhe queria impor”, pois a costa litorânea estava legada à invasão luso-espanhola (FREIRE, 1891, p. 91).

3 Da descrição e análise dos dados

3.1 Dos acidentes físicos e antrópicos coloniais

Embebidos pela beleza das formações geográficas do Brasil *selvagem* e ambiciosos pelas riquezas ainda desconhecidas ou inexploradas da região, como metais nobres, campos de pastagem e plantação, os sesmeiros colonizaram a região buscando no gentio local tanto mão-de-obra escrava quanto novas almas cristãs (FREIRE, 1891, p. 46). Deste contato interétnico, criaram-se unidades geoespaciais, muitas abalizadas pelo poder paralelo da Igreja Católica. Tais unidades, designadas *elementos genéricos* por Dick (1990), foram: **aldeia, arraial, cabedelo, campo, capitania, cidade, córrego, engenho, esteiro, ilha, lagoa, mar, outeiro, pedra, povoação, ribeira, rio, serra(ria), tapera, várzea, vereda, vigairaria, vila.**

Muitos destes elementos possuem atualmente acepções diferentes daquelas do período colonial, a exemplo de *cidade, povoação* e *vila*. Também divisões administrativas como **povoados, vila, cidades e estados** são heranças de unidades coloniais, mas as descrições vão além dessas partições administrativas, como sócio-étnico-econômicas (**arraial, capitania, tapera, aldeia, engenho**) e religiosas (**vigairaria**). Outras relatam acidentes naturais, com remissões a litônimos (**pedra, cabedelo**), proeminências geomorfológicas (**campo, ilha, outeiro, serra, serraria, várzea, vereda**) ou hidrônimos (**córrego, esteiro, lagoa, mar, rio, ribeira**).

Esta pluralidade de acidentes – físicos e antrópicos, nativos ou cosmopolitas – acabou por retratar o espírito de época e o contexto político-jurídico-ambiental. Por exemplo, os acidentes inscritos nos documentos sesmariais tendem a requerer maior precisão geográfica. Em muitos topônimos foram adicionados pontos cardeais para melhor precisão de sua localização, principalmente após nomes de cursos d’água. Por exemplo, na carta de Manoel Rodrigues:

[...] pede a Vm. lhe fasa merse de huma llogoa de tera em coadro ao llongo do **rio cotimgiba da banda do sull** cormesando a medir rumo da **banda de comendaroba pello dito rio asima** a coall tera pede por divolluta por coanto não foi nunca aproveitada e pouuada de gente branca [...] (FREIRE, 1891, p. 382).

O mesmo acontece com antropotopônimos – lugares com menções a nomes de pessoas. Na carta de Christóvão Dias, há “**na testada de gaspar damorim da banda do noroeste** corendo para o rio piauihy con todas as madeiras e agoas que na dita terra se achar (...)” (*op. cit.*, p. 357, grifos nossos).

Os hidrônimos, especificamente, têm um papel imprescindível nos relatos do *corpus*, já que os focos de criação de gado em Sergipe necessitavam de trilhas hídricas para essa atividade. Isso faz serem frequentes demarcações mais precisas de rios, córregos, rios, ribeiras, mares, esteiros quando das concessões de terra, devido à extensão desses.

O número de topônimos estudado neste trabalho perfaz um total de oitenta e três nomes de lugares, considerando aqueles referentes ao território da então capitania de Sergipe Del Rey. Destes, apenas 20% são de origem portuguesa, sendo os outros 80% distribuídos entre nomes de estrato indígena ou híbrido – tupi e português. Os nomes indígenas são notadamente do tronco tupi (Tupinambá ou Tupi Antigo), língua usada na costa brasileira nos anos quinhentos e seiscentos, confirmando a tese de Sampaio (1903, p. 154), de que as denominações tupi prevaleceram e os nomes portugueses conservaram-se quase sempre nas regiões onde a colonização não havia começado. Também se ratifica a tendência toponímica em línguas nativas de natureza física (*vide* tabela nº 1).

3.2 Dos topônimos coloniais descritos

Dos setenta e três topônimos analisados, 78% (setenta e oito por cento) são de origem indígena, sendo o restante distribuído entre nomes portugueses – 20% (vinte por cento), e espanhóis e híbridos com 1% (um por cento) cada um, devido a suas ocorrências únicas no *corpus*. Vários topônimos relatados não fazem parte do atual território sergipano, em parte porque os sesmeiros em questão advinham principalmente das capitanias de Bahia de Todos os Santos e de

Pernambuco. São exemplos de topônimos estrangeiros relatados no *corpus* sesmarial: **Bahia** ~ **Baia** ~ **Baja** (capitania / cidade / Estado), **Brasil** ~ **Brazil** (Estado do), **Espírito Santo** (capitania), **Jaseoba** (Outeiro) – atual Penedo-Alagoas, **Porto Calvo** (povoação) – atual Alagoas, **Portugal** (Reino), **Salvador** (cidade), **San Vicente** (capitania) – São Paulo, **Tatuapara** (aldeia ou povoação) – Bahia.

É notório o número superior de topônimos de língua indígena, justificado, principalmente, pelo período temporal delimitado – as primeiras décadas de ocupação europeia –, quando a capitania ainda era incipientemente territorializada, sendo a maioria dos colonos reivindicante de terras devolutas. Percebe-se, dentre os nomes indígenas, que boa parte desses signos – no mínimo 85% – estão inscritos em língua Tupi. No entanto, ao mesmo tempo em que se testemunha esse contexto linguístico, atenta-se para a existência de nações falantes de outras línguas indígenas que não o Tupi, como a língua Kariri, falada pelos Kariri-Xocó, ao norte da capitania sergipana.

Alguns dos topônimos descritos podem ser encontrados em outras fontes do período colonial, como nas narrativas de Gabriel Soares de Souza, Martins Soares Moreno e Fernão Cardim. Por outro lado, mesmo havendo um número considerável de dicionários dedicados ao vocabulário Tupi, dado seus empréstimos lexicais à língua portuguesa do Brasil, há neste *corpus* um léxico toponímico inexistente em outras obras.

Destarte, configura-se que vários topônimos descritos neste trabalho são de singular ocorrência, o que faz de alguns desses nomes verdadeiros oráculos, como estes topônimos indígenas: **Abaipeua**, esteiro de **Agiopioba**, cabedelo **Ipelempe**, povoação **Jaraquatenema**, tapera **Pixapoam** e rio **Pixaxiapa**.⁷

Esses topônimos com étimo indecifrado, todos de origem indígena, representam 8,6% dos de procedência nativa e 7% da nominata coletada. Quanto aos nomes que admitiram incursões etimológicas, as naturezas toponímicas propostas por Dick (1990), divididas entre elementos físicos e antropoculturais, distribuíram-se assim:

⁷A falta de informações quanto às motivações semânticas e decomposição morfológica de seus signos não exime tentativas futuras de categorização dessa nominata.

Origem / Natureza toponímica	Indígena (57)	Português (14)	Híbrido (1)	Espanhol (1)
Física	48	2	1	0
Antropocultural	1	12	0	1
Não classificados	8	0	0	0

Tabela 1 - Distribuição de Topônimos por Origem/Natureza.**Fonte:** (SANTOS, 2012).

O baixo número de topônimos híbridos permite concluir que, no período delimitado, as interações étnicas ainda não se concretizavam na marcação geográfica sergipana – geralmente inscrita em tupi ou em português. Ao contrário, essa característica se faz muito presente nos mapas brasileiros nos dois últimos séculos do período colonial – XVIII e XIX.

Há, outrossim, uma *toponímia paralela* (dupla ou mesmo tripla), principalmente quanto aos cursos d'água de maior dimensão. Dos topônimos portugueses, alguns já possuíam algum nome de lugar indígena, a saber: *Rio das Pedras* ~ *Paratigy*, *Rio Santa Maria* ~ *Água Petiba*, *Rio São Francisco* ~ *Opara*, *Rio Vasabaris* ~ *Irapiranga* ~ *Potipeba*.⁸

Da nominata coletada, cerca de vinte topônimos têm *variantes cartográfico-lexicais*, ou seja, nomes equivalentes para o mesmo acidente geográfico, por vezes em idioma tupi e em língua portuguesa ou uma dupla denominação em língua nativa.

Os topônimos de origem portuguesa encontrados no *corpus* estão dispostos na tabela abaixo:

Nº	Elemento genérico	Topônimo	Categoria
1	Rio / Engenho	Real	Animotopônimo
2	Tapera (dos) / Outeiro (dos)	Enforcados	Historiotopônimo
3	Rio	Vasabarris	Hidrotopônimo

⁸ Não há ocorrência, no *corpus*, dos nomes paralelos dos rios São Francisco e Vasabaris (Vaza Barris). No entanto, tais topônimos indígenas são registrados em Mott (2008, p. 142).

4	Serra	Negra	Cromotopônimo
5	Rio (das)	Pedras	Litotopônimo
6	Aldeia ou Povoação	Salgado	Litotopônimo
7	Povoação	Porto da Folha	Sociotopônimo
8	Povoação	Porto das Pedras	
9	Rio / Engenho	Porto de Santa Catarina	
10	Aldeia (dos)	Padres	Hagiotopônimo
11	Rio / Esteiro (de)	Santa Maria	
12	Cidade (de)	São Cristóvão	
13	Rio	São Francisco	
14	Aldeia (de)	São Tomé	

Tabela 2 - Topônimos de origem portuguesa.

Fonte: (SANTOS, 2012).

Destes nomes geográficos em língua portuguesa, a motivação toponímica mais frequente foi, como esperado para o contexto sociocultural estudado, de natureza religiosa. Os diversos nomes de santos do hagiológico católico romano, bem como a denominação *Aldeia dos Padres*, demarcam a forçosa catequização jesuíta e a influência desta instituição na conquista de Sergipe. Esse fenômeno, ainda hoje presente, expõe o espírito da época, marcado pela colonização, ao mesmo tempo, comercial, monárquica e católica⁹.

Já os **historiotopônimos** deflagram movimentos de cunho histórico, seus membros e datas comemorativas. *Enforcados* traz essa característica por memorializar a opressão dos primeiros colonos para com os nativos locais. O fato de essa localidade ser, atualmente, o município de *Nossa Senhora das Dores* expõe o apagamento de um fato histórico negativo, como um processo anamnético que precisa/merece ser silenciado das páginas da história sergipana.

O rio *Vaza Barris*, inscrito *Vasabaris* no *corpus*, de grande importância na hidrografia sergipana, parte de uma bacia hidrográfica, que hoje divide os municípios de Aracaju, Itaporanga da D'Ajuda e São Cristóvão, primeira capital de Sergipe, é o **hidrotopônimo** português relatado.

⁹ Vide Alves e Santos (2012).

A Serra *Negra*, o ponto mais alto do estado de Sergipe – 750 metros de altitude, atravessa a fronteira com a Bahia e se caracteriza como um **cromotopônimo** por sua referência à escala cromática.

O vocábulo *Porto* mostrou-se frequente como marca toponímica no *corpus*. Tendo como complemento (*Porto*) *das Pedras*, *da Folha*, *de Santa Catarina*. Por designar: “1 Lugar construído à beira do mar, rio ou baía para embarcações atracarem; 2 Em mar, rio ou lago, lugar que oferece abrigo às embarcações”, tais topônimos são classificados como **sociotopônimos**, haja vista referências a um aglomerado humano, possível ponto de encontro social.

O topônimo Pedras reaparece em *Rio das Pedras*, que junto a *Salgado*, formam os **litotopônimos** lusitanos do *corpus*. Aliás, esse fóssil toponímico (DICK, 1992) ainda se apresenta frequente na nominata sergipana, seja em português, como em municípios como *Pedrinhas* ou *Pedra Mole*, seja no vocábulo equivalente *itá* em tupi, como em *Itaporanga* (pedra bonita).

Já os topônimos de origem indígena, majoritários no *corpus*, também possuem uma diversidade de categorias mais ampla. Apresentamos sua distribuição, na tabela a seguir, excluindo-se os **sem classificação**, assim postos por sua etimologia ainda indecifrada.

Nº	Elemento Genérico	Topônimo	Categoria
15	Povoado ou Aldeia	Abaipé	Hidrotopônimo
16	Rio	Abahy	
17	Rio, Arraial	Caípe	
18	Rio	Cotegipe	
19	Tapera (de)	Guarujahy	
20	Rio	Hitanhy	
21	Córrego, Rio	Ibura	
22	Povoado ou Aldeia	Jacuípe	
23	Riacho	Maitacanema	
24	Rio	Japaratuba	
25	Rio	Paratigy	
26	Tapera (do), Aldeia (de)	Paranassu	

27	Rio, Mar, Serraria (do)	Piauí	Hidrotopônimo
28	Rio	Potigi Mirim	
29	Rio	Potihipeba	
30	Rio	Poxim	
31	Rio	Poxim Mirim	
32	Ribeira	Tapecahy	
33	Ilha	Tinharé	Fitotopônimo
34	Ribeira	Amdaijassu	
35	Rio	Aracaju	
36	Esteiro, Rio	Ariticuíba	
37	Rio	Beryba	
38	Povoação, Serra (da), Arraial	Cabuta	
39	Rio	Camboí	
40	Serra, Rio (de, da)	Cajaíba	
41	Rio	Comandaroba	
42	Rio	Cotinguiba	
43	Rio	Guanhamoroba	
44	Rio	Ibirarema	Zootopônimo
45	Rio, Esteiro	Inajaroba	
46	Rio	Indiatuba	
47	Ilha	Patatiba	
48	Tapera	Tajoaba	
49	Serra	Bogio	
50	Tapera (de)	Garaúna	
51	Lagoa	Jabotiana	
52	Rio	Jacaré	
53	Lagoa	Jacaré Mirim	
54	Rio, Ribeira	Mucuri	
55	?	Pirajá	
56	Ribeira, Rio, Várzea, Esteiro	Piramopama	
57	Outeiro (das)	Piranhas	
58	Rio	Tãomytiaiaia	
59	Rio	Urubutinga	

60	Povoação, Rio, Outeiro	Itabaiana	Litotopônimo
61	Pedra	Itaboca	
62	Rio	Itapicurá	
63	Vila	Itaporanga	
64	Serra	Tabangua	
65	Serra	Tabanhanassu	
66	Ribeira	Una	Cromotopônimo
67	Rio, Arraial	Pitanga	

Tabela 3 - Topônimos de origem indígena.**Fonte:** (SANTOS, 2012).

Nº	Elemento Genérico	Topônimo	Categoria
68	Tapera	Manilha	Ergotopônimo

Tabela 4 - Topônimo de origem espanhola.**Fonte:** (SANTOS, 2012).

Nº	Elemento Genérico	Topônimo	Categoria
69	Cidade, Capitania, Rio, Vigairaria	Cirigype Del Rey	Hidrotopônimo

Tabela 5 - Topônimos de origem híbrida (tupi+portuguesa).**Fonte:** (SANTOS, 2012).

Entre os topônimos indígenas, predominam os nomes de natureza física, como relativos a acidentes hidrográficos, fauna e flora e recursos minerais. Pode-se notar que o contrário ocorre com topônimos de procedência europeia. Os **hidrotopônimos** são maioria nessa nominata, chamando a atenção a frequente marcação toponímica com nomes indígenas que significam *rio* em português, como o sintagma *-y* e os vocábulos *pará* e *paraná*. O primeiro, por exemplo, algumas vezes se justapõe à marca locativa *-pe (em)* *-ype (no rio de)*, presente em lexias como *Sergipe*, *Caípe*, *Cotegipe* e *Jacuípe*. Por vezes, a marcação de um braço de rio ou curso d'água é feita pelos termos *grande* e *pequeno*, respectivamente *-assu/-açu* e *mirim*, como entre nas serras *Itabaiana* e *Tabanhanassu*, ou entre os rios *Poxim* e *Poxim Mirim*.

As marcas da fauna local estão distribuídas, respectivamente, nos **zootopônimos** variadamente, com menções a mamíferos (*Bogio*, *Mocori*); aves (*Guaraína*, *Maitacanema*, *Taperagua*, *Urubutinga*); peixes (*Piranhas*, *Pirajá*, *Piramopama*); répteis (*Jacaré* ~ *Tãomytiaia*/*Tãomytiaiaia*, *Jabotiana*).

Também a flora local é memorializada por meio dos **fitotopônimos**. São plurais as menções às árvores nativas, como se pode notar na tabela nº 3, fazendo destas um profícuo elemento motivador dos nomes geográficos locais inscritos no substrato indígena. Este fato não é exclusivo do *corpus* ou do território sergipano, mas pode ser facilmente observado na toponímia nacional.

O sintagma *itá-* ~ *ta-* demarca a totalidade de **litotopônimos** no *corpus*, que são aqueles relativos a minerais ou à constituição do solo.

Os **cromotopônimos** também estão presentes na toponímia de origem portuguesa com *Pitanga* (vermelho) e *Una* (preta). Além destes, a cor branca (*tinga*, em tupi) está inscrita em *Urubutinga*, que seria em português *urubu branco*. O dicionário de Barbosa (1951, p. 157) traduz o termo *Urubitinga* (*sic!*) como gavião-preto, cancan, o que nos leva a crer que esta seja uma espécie diferente do urubu mais comum.

Na tabela nº 4, a única ocorrência de um signo em idioma castelhano, demarca um **ergotopônimo**, relativo a elementos da cultura material – Manilha. Tal lexia, um hispanismo, se faz presente no vocabulário contemporâneo do Português Brasileiro.

Na tabela nº 5, destaca-se o único topônimo híbrido (em dois idiomas, no mínimo) do *corpus* – *Sergipe Del Rey*. O elemento de categorização é o primeiro sintagma. Assim, se tomada a classificação toponímica de Dick (1990), tem-se o **hidrotopônimo** “no rio dos siris”.

O fenômeno de toponímia híbrida, ou seja, nomes inscritos em duas línguas ou mais, como português e tupi, ainda não é comum, haja vista os incipientes contatos interétnicos à época entre colonos e nativos. Tal fenômeno torna-se bem frequente nos mapas locais a partir da segunda metade do século XVII. Em Sergipe, várias vilas passaram a ter inscrições ambas hagiográficas e indígenas, como, por exemplo, *Santo Antônio do Urubu de Baixo*, atual cidade de Propriá, ou *Nossa Senhora da Piedade do Lagarto*, hoje apenas Lagarto.

Ao contrário dos hibridismos, o fenômeno de toponímia paralela, ou seja, nomes duplicados ou até triplicados para o mesmo elemento genérico é bem mais comum e mais frequente no *corpus*. Este paralelismo ocorre geralmente entre os estratos linguísticos português e indígena, mas também foram observados acidentes geográficos denominados com dois topônimos indígenas, como é o caso do zootopônimo *Jacaré ~ Tãomytiaia/Tãomytiaiaia*, cujas lexias ambas são usadas para o réptil (GUARANÁ, 1916). A tabela a seguir expõe os dados coletados:

Topônimos / Origem linguística	Total	Possuem variantes lexicais	Topônimos indígenas	Topônimos portugueses
Indígenas	57	15 (27%)	11	6
Portugueses	14	3 (22%)	3	0
Espanhóis	1	0 (0%)	0	0
Híbridos	1	0 (0%)	0	0

Tabela 6 – Toponímia paralela.

Fonte: (SANTOS, 2012).

O fenômeno de toponímia paralela ocorreu principalmente com os cursos d'água de maior dimensão, como, por exemplo, Rio das Pedras ~ *Paratigy*, Rio Santa Maria ~ *Água Petiba*, Rio São Francisco ~ *Opara*, Rio Vasabaris ~ *Irapiranga* ~ *Potipeba*¹⁰. Vale ainda registrar a dupla variação toponímica em língua substrata, o que demonstra que os colonizadores europeus permitiram inscrições em idiomas indígenas ou mesmo denominaram lugares por meio dessas línguas.

3.3 Das marcas toponímicas nos mapas contemporâneos de Sergipe

Por meio da análise dos topônimos descritos, notam-se remanescentes lexicais recorrentes na toponímia primitiva sergipana, quiçá, nacional. A marcação geográfica, e consequentemente a

¹⁰ Não foram encontrados no *corpus* os topônimos *Opara* e *Irapiranga*, ao contrário do que registra Mott (2008, p. 142).

motivação toponímica, parte predominantemente de hidrônimos, sendo os sintagmas tupi -y ou -ype, ‘(no) rio de’, os de maior ocorrência morfológica na nominata relatada. Assim, como sugestão, espera-se encontrar futuramente estudos do sistema hidrográfico e da fauna e flora neste e em outros *corpora*, permitindo estudos mais aprofundados acerca da toponímia colonial num recorte temporal mais amplo, atentando também a nominata dos séculos XVIII e XIX.

Chama também a atenção a considerável permanência destes topônimos na rede toponímica contemporânea, visto a preservação de cerca de metade dos nomes tupi inscritos no *corpus* nos mapas contemporâneos sergipanos.

Listam-se, assim, as principais marcas lexicais (afixos e radicais tupi) presentes na toponímia apresentada, que também servem de base para estudos posteriores.

Nº	Radical / Afixo	Significado (BARBOSA, 1951)	Exemplo de Topônimo no <i>corpus</i>
1	-açu, -assu	Grande e grosso	Paranassu
2	-boca	Fender-se, rachar, fenda	Itaboca
3	-rema	Fedorento	Iburarema
4	-roba	Amargo	Comandaroba
5	-tinga	Branco	Urubutinga
6	-tyba, -tuba	Coletivo, abundancial	Japaratuba
7	-una(-)	Preto, escuro, negro	(rio) Una
8	-y	Água, rio	Itanhy
9	-ybá	Fruta, fruto (do pé de)	Cajaíba
10	-pe	No (ideia de locativo)	Sergipe
11	Mirim	Pequeno	Poxim mirim
12	Ita-	Pedra, ferro, metal	Itabaiana
13	Parana-, para-	Mar, rio caudaloso	Paranassu
14	Pira-	Peixe	Piramopama

Tabela 7 - Principais remanescentes lexicais Tupi.

Fonte: (SANTOS, 2012).

Assim, o estudo da morfologia do Tupi antigo, língua morta, é bastante auxiliado por meio de investigações toponímicas. Apresentando estrutura gramatical relativamente simples, em

comparação, por exemplo, com o Latim, seu vocabulário, no entanto, era vasto. Apesar da relativa simplicidade gramatical, pairam ainda muitas controvérsias dos especialistas em torno do idioma nativo brasileiro.

Não descritos nem classificados até então, os nomes de sesmeiros que faziam a vez de demarcação geográfica, por seu poder à época e consequente melhor definição de espaço, não são poucos. *Simão Dias* é o melhor exemplo desta motivação toponímica, mesmo não sendo o único: “Matas de Simão Dias” (FREIRE, 1891, p. LXIX); “tornavam-se conhecidos os sertões de Itabaiana e Simão Dias” (p. 65). Ainda como afirma Freire (1891, p.77),

[...] figurava como principal fazendeiro de então Simão Dias, morador em Sergipe desde 1599, e que no começo do século XVII tinha obtido sesmaria na Itabaiana. Daí vem o nome da atual cidade de Simão Dias, cujo local deve ser o mesmo do curral e fazenda desse criador de gado.

Alguns mapas da época, como o do holandês Gaspar Barleus, provavelmente de 1644, já traziam este sesmeiro como identificador locativo na região atual de Simão Dias, mesorregião de Lagarto-SE.

Como fato relevante, destaca-se que alguns dos caciques resistentes à conquista fazem hoje parte da memória coletiva sergipana, demarcando simbolicamente a bravura e o não subjugamento bélico-cultural à dominação europeia. *Boipeba*, *Aperipê*, *Serigy*, *Surubi*, sendo os três últimos caciques morubixabas – etnia indígena da região nordestina do Estado do Brasil, estiveram na linha de frente das trincheiras indígenas contra a ocupação dos colonos em 1575. Suas marcas simbólicas de guerreiros bravos, contrários à dominação ibérica, permeiam o imaginário coletivo sergipano. Suas figuras são recorrentes: a logomarca do judiciário, os postos de gasolina *Serigy*, os canais de TV e rádios locais *Aperipê*, o programa de TV local *Terra Serigy*, a lenda da maldição do índio *Serigy*. Exemplo maior desta influência é que um dos epítetos mais usuais para ‘sergipano’ também remete a esse tema, já que ser nativo ou radicado neste estado é ser ou estar *n’a terra do cacique Serigy*.

Considerações finais

É certo que os nomes de lugares sempre interessaram ao homem, mesmo quando não havia especialistas que os tratassem como objeto teórico. Os estudos acerca da toponímia indígena se configuram ainda tímidos, haja vista esta nominata se caracterizar semanticamente opaca. Ficou claro que nem sempre há certezas quanto ao significado destes topônimos, pois vários se demonstram com etimologias dúbias ou esdrúxulas. Portanto, esse é um campo de pesquisa aberto a novas incursões, dado, de um lado, à curiosidade, de outro, ao desconhecimento e/ou desencontro de informações acerca da sua origem e suas reais motivações.

O exame do léxico toponímico por meio de documentos do período colonial em Sergipe Del Rey leva a algumas conclusões, como o alto índice de permanência toponímica nos mapas do século XXI. Também os nomes de lugares de origem portuguesa tendem a designar alguns acidentes de relativa importância, como os rios limítrofes da capitania sergipana (Rio São Francisco e Rio Real). Notamos uma recorrência de termos lexicais tupi referentes a formas zoo e hidronímicas, a marcação da fauna e flora locais, bem como uma maciça inscrição hagionímica lusitana, por meio da participação ativa de topônimos religiosos, vista a participação maciça e protoganista da Igreja Católica no processo de ocupação da capitania de Sergipe Del Rey.

Portanto, este estudo acaba por recuperar parte da memória sergipana, compreendendo o presente pelo passado e servindo de fonte de documentação como glossário toponímico das sesmarias de Sergipe Del Rey no período delimitado.

Referências

ALVES, Francisco José. Contribuição à arqueologia de sergipe colonial. In: *Revista do IHGSE*, v. 34, p. 39-53, 2005.

ALVES, Francisco José; SANTOS, Cezar A. Neri. *Os nomes dos municípios sergipanos*. Disponível em: <<http://jornaldacidade.net/artigos-leitura/76/10998/os-nomes-dos->

municipios-sergipanos.html#.VTZdSyFViko>. Acesso em: 01 abr. 2012.

BARBOSA, P. Lemos. *Pequeno vocabulário tupi-português*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1951.

CUNHA, Antônio G. da. *Dicionário histórico das palavras de origem tupi*. 4. ed. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: EdUNB, 1998.

DICK, Maria Vicentina P. Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

_____. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de estudos. 2. ed., São Paulo: Serviços de Arte Gráfica da FFLCH/USP, 1992.

DIEGUES JR., Manuel. *População e propriedade da terra no Brasil*. Washington DC: União Pan-Americana, 1959.

FRANCO, Emmanuel. *A colonização da Capitania de Sergipe Del Rei*. Aracaju: J. Andrade, 1999.

FREIRE, Felisbelo. *História territorial de Sergipe*. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe / Secretaria de Estado da Cultura / FUNDEPAH, 1995.

_____. *História de Sergipe (1575-1855)*. Rio de Janeiro: Typ. Perseverança, 1891.

GUARANÁ, Armindo. Glossário Etimológico dos nomes da língua tupi na geografia do estado de Sergipe. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*, ano II, vol. II, n. 5, p. 297 - 326, 1916.

HOORNAERT, Eduardo. *A Igreja no Brasil – Colonial (1550-1800)*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MOTT, Luiz R. B. Vida social e cotidiano em 'Sergipe o Novo' à época das Visitações do Santo Ofício e das Cartas de Sesmarias: 1591-1623. In: *Sergipe colonial e imperial: religião, família, escravidão e*

sociedade: 1591-1882. São Cristóvão: EdUFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2008.

NUNES, Maria Thetis. *Sergipe Colonial I*. 2. ed. São Cristóvão: EdUFS, 2006.

PRADO, Ivo do. *A Capitania de Sergipe e suas ouvidorias*. Rio de Janeiro: Pap. Brasil, 1919.

SALGADO, Graça. *Fiscais e meirinhos: a administração no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

SALOMÃO, Lilian da Fonseca. *As sesmarias de Sergipe d'El Rey*. 1981. 157 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

SAMPAIO, Theodoro. *O Tupi na Geographia Nacional*. Memoria lida no Instituto Historico e Geographico de S. Paulo. São Paulo: Typ. da Casa Eclectica, 1901.

SANTOS, Cezar Alexandre Neri. *De Cirigype a Sergipe Del Rey: os topônimos nas cartas de sesmarias (1594-1623)*. 2012. 191 f.: il. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Federal de Sergipe – São Cristóvão-SE, 2012.

Recebido em: 15/07/2014

Aceito em: 20/08/2014